

Saber ler...**Como extrair sentido de um texto?
A estratégia S-IP-R e RG**Maria Manuela da Silva Duarte Chagas¹

São diversas as estratégias de leitura disponíveis para, após acesso a um texto, dele extrairmos a informação considerada essencial. A bibliografia acerca do tema (Azevedo, 2011; Benavente et al., 1996; Candeias, 2010; Delgado-Martins et al., 2000; Figueiredo, 2006; Tedesco, 2000) é unânime em afirmar que, atualmente, podemos falar de uma cada vez mais crescente comunidade escolarizada, alfabetizada², mas iliterata³, isto é, incompetente, ou com poucas competências para compreender o que leu.

Há cerca de três décadas, em 1992, a OCDE⁴ apresentou evidências do que parecia ser transversal às sociedades industrializadas: inúmeros adultos, devidamente escolarizados, alguns dos quais com uma extensa escolaridade obrigatória cumprida, eram incapazes de compreender o sentido de um texto lido, na sua língua materna, e cujo significado era reclamado, portanto, tido como importante para o desempenho da sua atividade profissional.

A forma de comunicação escrita, que se pensava estar adquirida com o acesso generalizado à escolarização, revelou-se ainda ser um modo de expressão ao qual importa dedicar tempo e repensar estratégias para melhor aprimorar a técnica de compreensão/extração de sentido de um texto lido/ouvido.

Em contexto escolar, compete ao docente recorrer a estratégias que garantam que os seus alunos, já instruídos na leitura e na escrita, sejam capazes de compreender o que leem. Inúmeras vezes, os alunos confessam não saber o modo como aceder ao texto, como resolver a proposta de trabalho que o professor lhes apresentou, como fazer consultas para desenvolver trabalhos de pesquisa. Assim, é necessário insistir em métodos e técnicas eficazes de extração de informação, procurando que o aluno ganhe automatização na metodologia que utiliza e se torne, cada vez mais competente na tarefa de compreensão de um texto.

Estratégias para extrair informação essencial (S – IP – R)

São inúmeras as estratégias de leitura que permitem ao leitor/ao aluno retirar de um texto a informação essencial do mesmo. O professor pode começar por apresentar o sublinhado, como a estratégia mais direta e evidente, e ir complexificando e diversificando as propostas, à medida que o aluno ganha autonomia na tarefa.

Sublinhar (S)

São evidentes os benefícios desta técnica, embora tenham de se ter em conta algumas limitações, nomeadamente se o texto apresentado, para realização da tarefa de sublinhar é muito extenso. Esta técnica é tão mais eficaz, quanto menor for a informação considerada importante para se sublinhar, e mais tempo houver para se processar a informação. Ao propor ao aluno que exercite o sublinhado, para destacar a informação mais importante de um texto, estamos a contribuir para a sua compreensão e retenção de informação. O aluno deve saber quais os objetivos que subjazem ao pedido de extrair, com esta estratégia, a informação essencial de um texto, ou seja, as ideias principais.

Sabendo claramente que tipo de informação deve destacar num texto, o aluno pode ser instruído a personalizar a sua técnica de extração de sentido: sublinhar com uma dada cor a ideia principal, ou sublinhar com outra cor distinta as palavras-chave, por exemplo.

¹ Agrupamento de Escolas de Almeida. Trabalho elaborado no âmbito da ação de formação: “Aprender+: estratégias de promoção da leitura e da escrita”. Entidades promotoras: APP // SEP/LEU, Formadora: Maria Vitória de Sousa.

² Alfabetização, “no sentido etimológico significa a aquisição do alfabeto e no sentido restrito significa ler e escrever.” (Canário, 2000).

³ “Define-se então literacia como: as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana.”, in Gilles Montigny, Karen Kelly e Stan Jones (1991). *Adults Literacy in Canada: Results of a National Study*. Statistics Canada.

⁴ OCDE (2002). *L'illettrisme des adultes et les résultats économiques*. OCDE. Editado em Português: OCDE (1994). *Analfabetismo funcional e Rentabilidade Económica*. ASA.

P

Sublinhar emerge como a estratégia que conduz à melhor compreensão do texto lido e poderá, assim, ser um primeiro procedimento que possibilita extrair as ideias principais de um texto, para seguidamente se poderem definir as relações de tipo vertical e horizontal dessas ideias e, por fim, ter um conhecimento integral do texto.

Ao encontro da IDEIA PRINCIPAL (IP)

Após a utilização da técnica de sublinhar um texto, o professor pode conduzir o aluno à estratégia de anotar à margem a informação essencial, tendo em linha de conta o que acabou de ser sublinhado, as ideias principais. As notas à margem constituem uma forma de destacar a informação mais importante, organizada em pequenos sintagmas ou palavras, emergindo como o início daquela que será, mais tarde, a tarefa de síntese do texto lido/estudado.

Encaminha-se o aluno para a aplicação prática de uma técnica de estruturação esquemática ou discursiva do texto a trabalhar que poderá culminar com o resumo escrito.

O Resumo (R)

O resumo, por sua vez, será mais fácil e diretamente elaborado, na medida em que os dois procedimentos anteriores permitiram ao aluno fazer já uma prévia seleção dos conteúdos considerados mais importantes, tendo sido, portanto, simplificados e interrelacionados.

Para Spielmann, G. (2001, *apud* Cobrado, J., 2005), “o resumo é uma atividade de reformulação que se exerce sobre qualquer tipo de texto, com o objetivo de o escrever de novo, sob forma mais reduzida, preservando, com o máximo de rigor, o essencial da informação que ele veicula”.

Esta estratégia deveras importante, para a compreensão de qualquer texto, seja qual for a sua tipologia, deverá ser exercitada e encorajada, em contexto escolar, desde cedo, para que o aluno possa usufruir, no seu percurso académico e o mais precocemente possível, dos seus múltiplos benefícios. Se pensarmos que, ao resumir um texto, o aluno está a distinguir informação essencial de informação acessória; a exercitar a reconstrução de sentido, pela lógica e encadeamento de ideias e de assuntos que, por vezes, não se encontram sequencialmente apresentados, mas dispersos no texto — facilmente percebemos a importância de insistir nesta estratégia de extração e sistematização de sentidos.

Subjacentes ao resumo, encontram-se os princípios da seleção, de economia e da organização, visto que, numa primeira fase, o aluno tem de escolher entre as ideias importantes e as que são dispensáveis ou redundantes; posteriormente, fará a condensação de ideias em unidades menores, que podem ser frases curtas; sintagmas, ou apenas palavras e, por fim, o aluno deverá construir um texto breve e coeso, que veicule a ideia principal e respeite a organização temática e semântica do texto original, tenha sido ela apresentada explicitamente no texto do qual se partiu, para elaborar o resumo, ou esteja apenas expressa de modo implícito.

A estratégia do resumo coloca a descoberto a competência de cada leitor e a sua maturidade em termos de interpretação: o resumo exige, não só uma competência leitora, mas também a capacidade de avaliar as informações veiculadas, tomando decisões sobre a hierarquização das mesmas. Um leitor menos proficiente revelará mais dificuldades na seleção e condensação de ideias de um texto, bem como na produção textual, a partir deste prévio trabalho de triagem.

Resumir reclama mais do que uma simples interpretação de ideias. Implica uma compreensão ao nível profundo de um texto, que permitirá uma seleção de elementos considerados essenciais, em detrimento de outros, interpretados como acessórios e, por fim, exige um leitor proficiente na escrita também, pois terá que elaborar um texto original e coerente, que espelhe as ideias principais e a ideologia do autor, expressa no texto.

Representação gráfica da informação

Por vezes, devido à extensão do texto e, portanto, à quantidade de informação a sintetizar, ou pela tipologia textual a trabalhar, pode haver interesse em propor ao aluno a realização de um tipo de resumo que se apoia, essencialmente, numa organização gráfica da informação, relegando para um segundo plano a utilização dos elementos linguísticos. O recurso a esquemas e mapas conceptuais possibilita obter-se uma visão imediata e mais concisa das ideias principais de um texto

Representar graficamente a informação pode apresentar vantagens para os alunos: esta surge expressa globalmente, podendo mesmo ser visualizada, muitas vezes, numa sacada de olhar. A apresentação esquematizada evita, assim, a dispersão e a perda de tempo com elementos acessórios, que já foram subtraídos ao texto. A memorização redundante num trabalho mais eficaz, porque o aluno retém mais facilmente uma imagem esquemática de um dado conteúdo, do que a densidade e dimensão de um texto sobre um mesmo conteúdo. Tal como sublinham Hernández & García (1991), a esquematização fornece uma visão mais clara do essencial e cria contornos figurativos que vão favorecer a sua representação mental.

Pelo exposto, é uma estratégia de essencialização da informação a praticar com os alunos, com vista a automatizarem este recurso, do qual poderão socorrer-se no seu percurso académico, pois a representação gráfica permite conferir uma dimensão mais concreta à informação que, por vezes, o conteúdo do texto mantém numa esfera mais abstrata.

A disposição gráfica escolhida varia com a tipologia de texto da qual se parte, para aplicar esta estratégia de extração de sentido, no entanto, Hernández e García (1991) defendem que a diversidade pode ser congregada em quatro categorias: estruturas de representação hierárquica, estruturas de representação sequencial, estruturas de representação radial e estruturas de pré-formato.

Em contexto escolar, recorremos com frequência a esquemas gráficos, quando pretendemos esquematizar: uma descrição; uma comparação; uma enumeração e coleção; a informação que veicule causa-efeito ou problema-solução.

Para que o processo ensino-aprendizagem seja eficiente e significativo, é importante que o professor esteja consciente do modo como os alunos processam a informação que lhes é veiculada e a preservam na memória. Conhecedores de que há uma tríade do processamento da informação que pode ser combinada e recombina, conjugando modos de apresentação de informação recorrendo mais a uma aprendizagem visual; noutros casos, a uma aprendizagem mais auditiva, e noutros, ainda, mais cinestésica, importa é assegurar que a mensagem a veicular seja assimilada e compreendida com eficácia pelos alunos.

As sugestões de estratégias pedagógicas apresentadas para extração de sentido, a partir de um texto, emergem como instrumentos importantes para os professores comprometidos com o sucesso educativo dos seus alunos, na medida em que se constituem como recursos facilitadores da aprendizagem, desafiando operações mentais dos alunos e favorecendo a sua “construção da autonomia e a construção do conhecimento” (Anastasiou, 2006).

Seguidamente, procurar-se-á apresentar, numa Ficha Pedagógica, propostas de implementação das estratégias de essencialização de informação descritas.

“Como extrair sentido de um texto? A estratégia S - IP- R e RG”

1. Apresentação:

Em contexto escolar, no decurso de propostas de estudo sobre uma determinada temática a maioria dos alunos apresenta dificuldades em planificar a realização de uma tarefa de leitura em que se exige a seleção e organização de ideias principais do texto, relacionando-as em processos de mobilização de conhecimentos ou elaboração de inferências.

A aprendizagem do resumo, enquanto estratégia de essencialização de informação, constitui-se como um recurso eficaz, já que promove a leitura crítica, permite selecionar as ideias principais de um texto, facilita a hierarquização da informação a transmitir por escrito/oralmente de forma sintética e coerente, assegura a monitorização da compreensão de determinado assunto. As técnicas de registo de informação relevante para a construção de sentido do texto escrito, sublinhar, escrever notas à margem e representar graficamente o conteúdo de textos expositivos, são habilidades a abordar de forma sistemática.

Título da sequência de aprendizagem: “Como extrair sentido de um texto?”

Domínios: leitura e escrita

Disciplina: Português

Nível escolaridade: 3.º ciclo, 9.º ano de escolaridade

Áreas de competências do perfil dos alunos (PASEO): Linguagens e textos, Informação e comunicação

Recursos: _Costa Pereira, M. H. (1988). *Estudos de História da Cultura Clássica* Vol. I - *A cultura grega*. 6.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 133 -136 (texto adaptado)

_Calvino, Italo (1991?). *Porquê ler os clássicos?*

Síntese: A partir de leituras já abordadas, os alunos questionam e aprofundam conteúdos temáticos em textos expositivos. Sintetizam informação relevante aplicando técnicas de destaque, redução de informação e representação de informação essencial. Durante o processo refletem sobre os subprocessos aplicados na representação mental dos textos através de atividades de redução de texto como estratégia para a construção do **resumo**.

Resultados esperados: no final da sequência os alunos devem ser capazes de sublinhar, fazer notas à margem, elaborar resumos escritos e representar graficamente a informação relevante de textos expositivos de forma autónoma em situações de estudo ou de pesquisa

II. Roteiro

Sessões	Aprendizagens essenciais	Descrição de atividades orientadas para o perfil dos alunos
Número de aulas ou tempos letivos previstos.	Argumentar para defender e/ou refutar posições, conclusões ou propostas, em situações de debate.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Porque ler os clássicos? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Debate de ideias a partir do título do livro, de Italo Calvino, previamente abordado com a turma: “Porquê ler os clássicos?”⁵ 1.2. Reflexão, em pequeno grupo, com registo das opiniões mais pertinentes.
	<p>Ler textos com características expositivas informativas.</p> <p>Expressar, de forma fundamentada, pontos de vista e apreciações críticas motivadas pelos textos lidos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 2. A partir dos pontos de vista dos alunos, com base nas opiniões expressas nalguns ensaios, já lidos, da obra referida, introduzir o texto expositivo e crítico, de Maria Helena da Rocha Pereira, que aborda a temática da importância de estudar os textos homéricos.⁶ <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Diálogo informado, a partir do texto lido, com vista à consolidação da informação retida, após uma primeira leitura.

⁵ Cf. <https://www.wook.pt/livro/porque-ler-os-classicos-italo-calvino/16647750>: “Livro recomendado para o 9.º ano de escolaridade, destinado a leitura orientada na sala de aula. A partir destas e de outras definições de clássicos que nos oferece no primeiro capítulo, Calvino vai dar resposta à pergunta que dá o título a este livro, numa série de brilhantíssimos ensaios que percorrem alguns dos pontos mais altos da literatura e do pensamento mundiais. A Odisseia, Xenofonte, Ovídio, Plínio, o Velho, Tirant lo Blanc, Ariosto, Galileu, Robinson Crusoe, Cândido, Diderot, Stendhal, Balzac, Dickens, Flaubert, Tolstoi, Henry James, Robert Louis Stevenson, Conrad, Hemingway, Borges e muitos outros autores e obras definitivamente clássicos.”

⁶ Texto extraído da Prova de Final de Ciclo, disponibilizada pelo IAVE, I.P., para uso em contexto escolar, no ano letivo 2020/2021, mas que, em virtude da pandemia, não foi aplicada.

Prova de Português (91) 3.º CEB | 2021- 9.º Ano de Escolaridade- 1ª fase.

Fonte: <https://iave.pt/wp-content/uploads/2021/09/PF-Port-DivulgacaoPublica-2021.pdf>

Sessões	Aprendizagens essenciais	Descrição de atividades orientadas para o perfil dos alunos
	<p>Utilizar métodos do trabalho científico no registo e tratamento da informação.</p> <p>Elaborar resumos (para finalidades diversificadas).</p>	<p>3. Dada a natureza expositiva do texto, e a necessidade de apreensão e retenção da informação nele contida, para posterior estudo da <i>Odisseia</i>, os alunos aplicarão, ao texto lido, as estratégias de essencialização da informação:</p> <p>3.1. Sublinhar (S) 3.2. Extrair a Ideia Principal (IP) 3.3. Resumir (R) 3.4. Registrar graficamente (RG)</p> <p>3.1. Sublinhar (S)_ Ficha1. “Estudos de História da Cultura Clássica”</p> <p>3.1.1. Apresentação e esclarecimentos sobre as condições de realização da tarefa.</p> <p>3.1.2. Realização da tarefa, pela turma, dividida em pequenos grupos do trabalho (3/4 elementos).</p> <p>3.1.3. Apresentação oral, efetuada por um porta-voz de cada grupo, das propostas de resolução de cada estratégia de essencialização da informação apresentada, a partir do texto “Estudos de História da Cultura Clássica”.</p> <p>3.1.4. Seleção e registo escrito, após debate, da proposta de resolução considerada mais consentânea com os objetivos do exercício proposto.</p> <p><i>Nota: A exploração das fichas 2, 3 e 4, correspondentes às alíneas 3.2., 3.3. e 3.4., obedecerá ao enunciado em 3.1. (ficha 1.)</i></p>
		<p>8. Atividade de aprofundamento: Educação Literária</p> <p>8.1. Início da leitura da <i>Odisseia de Homero adaptada para jovens</i>, por Frederico Lourenço, Lisboa, Quetzal, 2018.</p>

Material:**Ficha 1: Sublinhar (S)**

“Estudos de História da Cultura Clássica”

1. Faça uma primeira leitura atenta do texto seguinte, que fala da influência e da difusão dos Poemas Homéricos, ao longo dos tempos.

O interesse do estudo dos Poemas Homéricos vai além do valor que essas obras têm em si mesmas. O seu lugar é igualmente importante pela influência que exerceram.

Muito cedo começou a sua difusão.

- A princípio, os Poemas Homéricos eram transmitidos oralmente e escutados em
- 5 ocasiões festivas. Para isso, havia os aedos e os rapsodos. A primeira palavra, «aedos», equivale exatamente ao português «cantor». Com efeito, os aedos da *Odisseia* cantam, acompanhando-se à cítara¹. E cantam improvisando, como faz Demódoco, no canto VIII, quando, a pedido de Ulisses, celebra, no palácio de Alcínoo, um episódio da guerra de Troia – o estratagema do cavalo de pau. A palavra «rapsodo» tem uma origem menos
 - 10 clara. Os rapsodos seriam aqueles que sabiam ligar versos uns aos outros. Parece certo que já não cantavam, mas só recitavam, e é provável que não fossem poetas, mas se limitassem a reproduzir o que tinham aprendido.

- Já no século VI a. C., um filho de Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou que fossem recitados integralmente os Poemas Homéricos, por rapsodos que se revezavam², no
- 15 festival das Panateneias³.

Os Poemas Homéricos podiam ouvir-se em concursos e eram aprendidos nas escolas.

Platão⁴ dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia. Estrabão⁵ considerava que Homero era o mestre de todos, mesmo em Geografia.

- Temos de reconhecer que a influência de Homero sobre toda a cultura grega, donde
- 20 passa para a cultura latina, e desta para todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um facto que não é de mais sublinhar. O estudo da amplitude dessa influência tem dado assunto a muitos livros, e não está talvez esgotado.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I volume – Cultura Grega*, 6.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 133-136. (Texto adaptado)

NOTAS

¹ *cítara* – instrumento musical de cordas.

² *revezavam* – substituíam à vez.

³ *Panateneias* – festas que se celebravam em honra da deusa Atena, protetora de Atenas.

⁴ *Platão* – filósofo grego (séculos V a. C. – IV a. C.).

⁵ *Estrabão* – historiador e geógrafo grego (séculos I a. C. – I d. C.).

2. Numa segunda leitura, procure sublinhar conteúdo do texto que expresse os seguintes aspetos:
 - 2.1. Como e por quem foram difundidos os Poemas Homéricos, ao longo dos tempos.
 - 2.2. Que eruditos consideraram importante a influência dos Poemas Homéricos e/ou de Homero.

Proposta de solução

O interesse do estudo dos Poemas Homéricos vai além do valor que essas obras têm em si mesmas. O seu lugar é igualmente importante pela influência que exerceram.

Muito cedo começou a sua difusão.

A princípio, os Poemas Homéricos eram transmitidos oralmente e escutados em ocasiões festivas. Para isso, havia os aedos e os rapsodos. A primeira palavra, «aedos», equivale exatamente ao português «cantor». Com efeito, os aedos da *Odisseia* cantam, acompanhando-se à cítara¹. E cantam improvisando, como faz Demódoco, no canto VIII, quando, a pedido de Ulisses, celebra, no palácio de Alcínoo, um episódio da guerra de Troia – o estratagema do cavalo de pau. A palavra «rapsodo» tem uma origem menos clara. Os rapsodos seriam aqueles que sabiam ligar versos uns aos outros. Parece certo que já não cantavam, mas só recitavam, e é provável que não fossem poetas, mas se limitassem a reproduzir o que tinham aprendido.

Já no século VI a. C., um filho de Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou que fossem recitados integralmente os Poemas Homéricos, por rapsodos que se revezavam², no festival das Panateneias³.

Os Poemas Homéricos podiam ouvir-se em concursos e eram aprendidos nas escolas. Platão⁴ dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia. Estrabão⁵ considerava que Homero era o mestre de todos, mesmo em Geografia.

Temos de reconhecer que a influência de Homero sobre toda a cultura grega, donde passa para a cultura latina, e desta para todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um facto que não é de mais sublinhar. O estudo da amplitude dessa influência tem dado assunto a muitos livros, e não está talvez esgotado.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I volume – Cultura Grega*, 6.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 133-136. (Texto adaptado)

Ficha 2: Ao encontro da IDEIA PRINCIPAL (IP)

Depois de ter sublinhado os conteúdos pretendidos no texto, cujo tema é a influência e da difusão dos Poemas Homéricos ao longo dos tempos, proceda à fase seguinte, procurando escrever frases breves, sintagmas ou apenas palavras, destacando a **Ideia Principal (IP)**.

1. Em cada parágrafo sublinhado, procure a **Ideia Principal (IP)** e tente escrevê-la, à margem, com o mínimo de palavras possível.

O interesse do estudo dos Poemas Homéricos vai além do valor que essas obras têm em si mesmas. O seu lugar é igualmente importante pela influência que exerceram.

Muito cedo começou a sua difusão.

A princípio, os Poemas Homéricos eram transmitidos oralmente e escutados em ocasiões festivas. Para isso, havia os aedos e os rapsodos. A primeira palavra, «aedos», equivale exatamente ao português «cantor». Com efeito, os aedos da *Odisseia* cantam, acompanhando-se à cítara¹. E cantam improvisando, como faz Demódoco, no canto VIII, quando, a pedido de Ulisses, celebra, no palácio de Alcínoo, um episódio da guerra de Troia – o estratagema do cavalo de pau. A palavra «rapsodo» tem uma origem menos clara. Os rapsodos seriam aqueles que sabiam ligar versos uns aos outros. Parece certo que já não cantavam, mas só recitavam, e é provável que não fossem poetas, mas se limitassem a reproduzir o que tinham aprendido.

Já no século VI a. C., um filho de Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou que fossem recitados integralmente os Poemas Homéricos, por rapsodos que se revezavam², no festival das Panateneias³.

Os Poemas Homéricos podiam ouvir-se em concursos e eram aprendidos nas escolas. Platão⁴ dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia. Estrabão⁵ considerava que Homero era o mestre de todos, mesmo em Geografia.

Temos de reconhecer que a influência de Homero sobre toda a cultura grega, donde passa para a cultura latina, e desta para todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um facto que não é de mais sublinhar. O estudo da amplitude dessa influência tem dado assunto a muitos livros, e não está talvez esgotado.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I volume – Cultura Grega*, 6.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 133-136. (Texto adaptado)

Proposta de solução:

O interesse do estudo dos Poemas Homéricos vai além do valor que essas obras têm em si mesmas. O seu lugar é igualmente importante pela influência que exerceram.

Muito cedo começou a sua difusão.

A princípio, os Poemas Homéricos eram transmitidos oralmente e escutados em ocasiões festivas. Para isso, havia os aedos e os rapsodos. A primeira palavra, «aedos», equivale exatamente ao português «cantor». Com efeito, os aedos da *Odisseia* cantam, acompanhando-se à cítara¹. E cantam improvisando, como faz Demódoco, no canto VIII, quando, a pedido de Ulisses, celebra, no palácio de Alcínoo, um episódio da guerra de Troia – o estratagem do cavalo de pau. A palavra «rapsodo» tem uma origem menos clara. Os rapsodos seriam aqueles que sabiam ligar versos uns aos outros. Parece certo que já não cantavam, mas só recitavam, e é provável que não fossem poetas, mas se limitassem a reproduzir o que tinham aprendido.

Já no século VI a. C., um filho de Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou que fossem recitados integralmente os Poemas Homéricos, por rapsodos que se revezavam², no festival das Panateneias³.

Os Poemas Homéricos podiam ouvir-se em concursos e eram aprendidos nas escolas. Platão⁴ dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia. Estrabão⁵ considerava que Homero era o mestre de todos, mesmo em Geografia.

Temos de reconhecer que a influência de Homero sobre toda a cultura grega, donde passa para a cultura latina, e desta para todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um facto que não é de mais sublinhar. O estudo da amplitude dessa influência tem dado assunto a muitos livros, e não está talvez esgotado.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I volume – Cultura Grega*, 6.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 133-136. (Texto adaptado)

Poemas Homéricos: início- transmissão oral, feita por aedos e rapsodos

Séc. VI a.c.: filho de Pisístrato- recitados por rapsodos: festival das Panateneias

Ouvem-se em concursos e são aprendidos na escola.

Platão: Homero- educador da Grécia

Estrabão: Homero- mestre de todos (até em Geografia)

Ficha 3_resumir (R)

Depois de ter destacado, à margem, a ideia principal (IP) de cada parágrafo, pode dar início à última etapa.

1. Redija um resumo do texto, reduzindo-o a cerca de 1/3 do total do texto original (**270 palavras**).

O Resumo (R) deve ser redigido com coerência, respeitando o encadeamento de ideias e mantendo o vocabulário específico do texto-fonte.

O interesse do estudo dos Poemas Homéricos vai além do valor que essas obras têm em si mesmas. O seu lugar é igualmente importante pela influência que exerceram.

Muito cedo começou a sua difusão.

A princípio, os Poemas Homéricos eram transmitidos oralmente e escutados em ocasiões festivas. Para isso, havia os aedos e os rapsodos. A primeira palavra, «aedos», equivale exatamente ao português «cantor». Com efeito, os aedos da *Odisseia* cantam, acompanhando-se à cítara¹. E cantam improvisando, como faz Demódoco, no canto VIII, quando, a pedido de Ulisses, celebra, no palácio de Alcínoo, um episódio da guerra de Troia – o estratagem do cavalo de pau. A palavra «rapsodo» tem uma origem menos clara. Os rapsodos seriam aqueles que sabiam ligar versos uns aos outros. Parece certo que já não cantavam, mas só recitavam, e é provável que não fossem poetas, mas se limitassem a reproduzir o que tinham aprendido.

Já no século VI a. C., um filho de Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou que fossem recitados integralmente os Poemas Homéricos, por rapsodos que se revezavam², no festival das Panateneias³.

Os Poemas Homéricos podiam ouvir-se em concursos e eram aprendidos nas escolas. Platão⁴ dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia. Estrabão⁵ considerava que Homero era o mestre de todos, mesmo em Geografia.

Temos de reconhecer que a influência de Homero sobre toda a cultura grega, donde passa para a cultura latina, e desta para todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um facto que não é de mais sublinhar. O estudo da amplitude dessa influência tem dado assunto a muitos livros, e não está talvez esgotado.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I volume – Cultura Grega*, 6.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 133-136. (Texto adaptado)

Poemas Homéricos: início- transmissão oral, feita por aedos e rapsodos

Séc. VI a.c.: filho de Pisístrato- recitados por rapsodos: festival das Panateneias

Ouvem-se em concursos e são aprendidos na escola.

Platão: Homero- educador da Grécia

Estrabão: Homero- mestre de todos (até em Geografia)

Proposta de solução:

Segundo a autora do texto, os Poemas Homéricos são importantes pelo seu valor intrínseco, mas também pela muita influência que exerceram. Estes, começaram por ser transmitidos oralmente, em comemorações festivas, sendo seus transmissores, os aedos e os rapsodos.

No século VI a. c., um filho do político ateniense, Pisístrato, instituiu a leitura dos Poemas Homéricos, por rapsodos, durante o festival das Panateneias. Deste modo, começaram a divulgar-se em concursos e a ser ensinados nas escolas.

A sua importância era tanta, que Platão apelidou Homero de educador da Grécia e Estrabão considerou-o mestre de todos, inclusive em Geografia. Para Maria Helena da Rocha Pereira, Homero, pela sua grandiosidade, já motivou muitos estudos e continuará a fazê-lo, no futuro.

2. Depois de ler o resumo que produziu, releia-o, procurando verificar se há vocábulos redundantes ou supérfluos.

2.1. Simplifique o texto resumido, eliminando as marcas de subjetividade e elementos não essenciais: adjetivos; advérbios; quantificadores; sintagmas perifrásticos...

2.2. Reescreva o resumo.

Proposta de resolução: (NOTA: Eliminadas 36 palavras)**2.1.**

Segundo a autora ~~do texto~~, os Poemas Homéricos têm ~~são importantes pelo seu~~ valor intrínseco, ~~mas também pela muita~~ e exerceram foram muito influentes ~~muita influência que exerceram~~. Estes, começaram por ser transmitidos oralmente, por aedos e ~~os~~ rapsodos em ~~comemorações festivas~~ festividades, ~~sendo seus transmissores~~,

No século VI a. c., um filho ~~do político ateniense~~, de Pisístrato, instituiu a leitura dos Poemas Homéricos, por rapsodos, durante o festival das Panateneias. ~~Deste modo~~, Assim, começaram a divulgar-se em concursos e a ser ensinados nas escolas.

~~A sua importância era tanta, que~~ Platão apelidou Homero de educador da Grécia e Estrabão considerou-o mestre de todos, inclusive em Geografia.

Para Maria Helena da Rocha Pereira, Homero, ~~pela sua grandiosidade~~, já motivou muitos estudos e continuará a fazê-lo, ~~no futuro~~.

2.2.

Segundo a autora, os Poemas Homéricos têm valor intrínseco e foram muito influentes. Estes começaram por ser transmitidos oralmente por aedos e rapsodos em festividades.

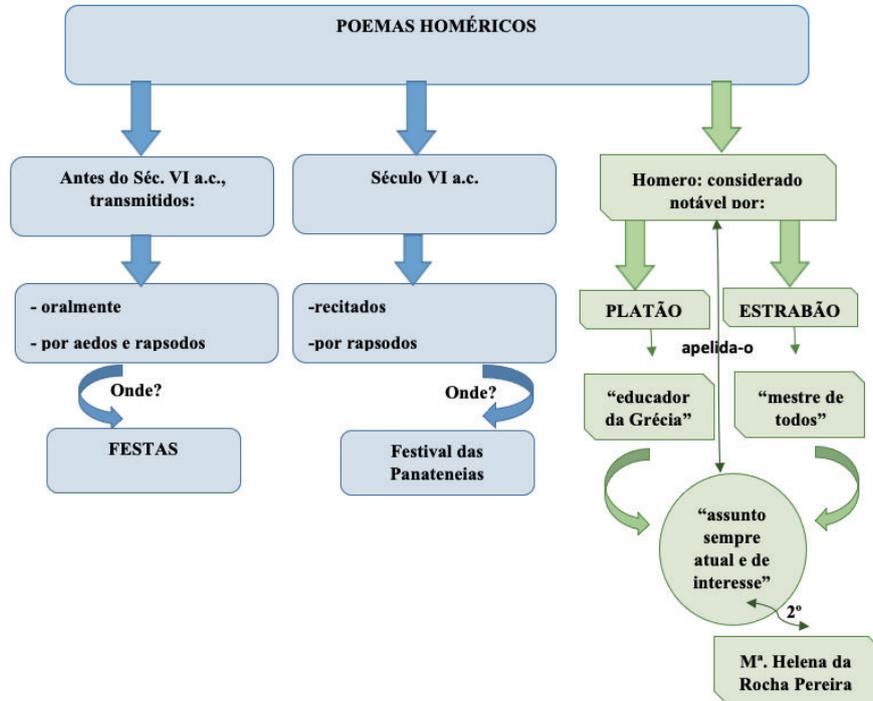
No século VI a. c., um filho de Pisístrato instituiu a leitura dos Poemas Homéricos por rapsodos durante o festival das Panateneias. Assim, começaram a divulgar-se em concursos e a ser ensinados nas escolas.

Platão apelidou Homero de educador da Grécia e Estrabão considerou-o mestre de todos, inclusive em Geografia.

Para Maria Helena da Rocha Pereira, Homero já motivou muitos estudos e continuará a fazê-lo.

Ficha 4_ representação gráfica

Depois de ter resumido o texto, apresente as suas ideias principais, utilizando a estratégia da representação gráfica. Para o efeito, recorra à esquematização que mais se adequa a este tipo de texto informativo.



Palavras

Conselho de Leitura da Revista Palavras **Sistema de Arbitragem Científica Independente**

Instruções & Princípios

1. Todos os artigos candidatos a publicação começam por ser selecionados pelo Conselho Editorial, constituído pelo Diretor, Diretor Executivo e Editores Executivos, de acordo com os seguintes critérios: (a) adequação à linha editorial, (b) adequação às indicações editoriais e (c) correção linguística.
2. Após esta pré-seleção, cada texto é enviado a um membro do Conselho de Leitura que deverá proceder à avaliação durante as quatro semanas seguintes.
3. Os textos não podem ser enviados a membros do Conselho de Leitura com a identificação do(s) autor(es), tal como ao(s) autor(es) nunca pode ser indicada a identidade do(s) seu(s) avaliador(es), uma vez que todo o processo é confidencial.
4. Os onze tópicos avaliados pelo Conselho de Leitura, e que servem para orientar a recomendação final, são os seguintes: (a) título; (b) contextualização do problema; (c) apresentação de finalidade e/ou objetivos; (d) enquadramento teórico; (e) metodologia(s); (f) coesão e coerência; (g) extensão do texto; (h) pertinência da informação; (i) clareza de tabelas, excertos, imagens; (j) apresentação de conclusões; (k) bibliografia.
5. Os resultados da avaliação podem ser quatro: (a) aceitação do texto na forma atual; (b) aceitação do texto após pequenas alterações que são identificadas; (c) pedido de revisão profunda do texto sujeita a nova avaliação; (d) rejeição do texto.
6. Tendo em conta a avaliação do Conselho de Leitura, a decisão final sobre a publicação de textos cabe ao Conselho Editorial, no pressuposto de que o conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.